



INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

**ESTUDO DA CULTURA
MATERIAL ENTRE OS
KAYAPÓ-XIKRIN DO CATETÉ**

FABÍOLA ANDRÉAS DA SILVA

A PESQUISA DE CAMPO ENTRE OS KAYAPÓ-XIKRIN DO CATETÉ:

No mês de setembro parti para Marabá - Estado do Pará - a fim de iniciar o trabalho de campo junto aos Kayapó-Xikrin, falantes de uma língua pertencente à família lingüística Jê, cujas aldeias estão localizadas às margens do Rio Cateté¹. Na aldeia maior (Aldeia **Cateté**) vivem, aproximadamente, 500 pessoas e, na menor (Aldeia **Djudjê-Kô**) que dista 18Km, em torno de 80 pessoas.

Ao chegar à área Xikrin resolvi instalar-me, primeiramente, na aldeia menor (aldeia **Djudjê-Kô**). Esta aldeia é ocupada por uma maioria de indivíduos não bilíngües e pertencentes à categoria de idade dos **me-kra-re**²; o grupo de indivíduos mais jovens (**meprin; me-nōrō-nu-re; kurêrêrê**)³, é minoria. Fiquei ali instalada durante vinte dias e, depois, me transferi para a aldeia do Cateté, que é maior e onde a população jovem é bastante numerosa.

Dada a minha dificuldade com a língua procurei, num primeiro momento, fazer observações e participar das atividades cotidianas dos diferentes grupos de idade e sexo. Nos primeiros dias, procurei me entrosar com o grupo e explicar os objetivos de meu trabalho, algo que tive de fazer reiteradamente dia após dia.

Minha primeira pesquisa sistemática em campo foi realizar, através da documentação existente na escola da aldeia do **Djudjê-Kô**, um levantamento

¹ Um outro grupo Kayapó-Xikrin está localizado às margens do rio Bacajá, no Estado do Pará.

² Segundo Vidal (1977:139 e 164), a categoria dos **me-kra-re** divide-se, para os homens, nas subcategorias: **mekranure**, homens casados com um, dois ou três filhos; **mekramti**, homens maduros com quatro filhos ou mais e **mebenget**, homens maduros ou velhos; e, para as mulheres, nas subcategorias **mekrapōyn**, mulheres que têm até três filhos; **mekratum**, mulheres que têm quatro filhos ou mais e as **mebengêi**, mulheres que passam pela menopausa. No **Djudjê-Kô**, a maioria dos indivíduos se enquadrava nas duas últimas categorias dos **me-kra-re**.

³ Categorias de idade que correspondem respectivamente às crianças e jovens sem filhos (vide detalhes em Vidal, 1977:88;125;158)

preliminar dos diferentes artefatos produzidos pelo grupo. Esta documentação era resultante das aulas de 'cultura indígena' em que os alunos das categorias (**me-nōrō-nu-re** e **me-kra-re**⁴) haviam sido solicitados a desenhar e nomear em Xikrin e português diferentes tipos de itens da sua cultura material.

Aproveitando esta idéia e em parceria com a professora Cláudia, pedi que estes alunos acrescentassem aos seus desenhos o nome Xikrin das diferentes matérias-primas empregadas na confecção dos objetos. Paralelamente, fiz entrevistas com um **mekranure**, recém-casado e pai de um menino com menos de dois anos, sobre os diferentes artefatos e as matérias-primas empregadas para fazê-los.

Na aldeia Cateté, também consultei o material escolar e, além disso, solicitei o auxílio de um informante da categoria dos **me-kra-re**, para que me ajudasse neste levantamento. Ele também acompanhou-me em várias saídas para o mato, para coletarmos as amostras de espécies vegetais utilizadas na confecção dos diferentes itens materiais. Este informante foi recomendado por ser reconhecido como um conhecedor da cultura material, bem como, das plantas utilizadas para a sua elaboração. Ele me acompanhava todos os dias durante, pelo menos, quatro horas nestas excursões no mato.

Sua estratégia diária era sempre a mesma, ou seja, a partir da aldeia ele selecionava uma determinada direção a seguir e nós andávamos pelas trilhas⁵ durante, aproximadamente, duas horas para ir e mais duas para retornar, percorrendo uma distância de aproximadamente 5Km. Finalmente, quando chegávamos ao rio ou em alguma roça, nós pegávamos o caminho de volta e ele começava a coleta das plantas. Ou seja, no caminho de ida ele observava a vegetação da trilha e, no retorno, fazia a coleta das amostras vegetais.

⁴ Desta categoria de idade freqüentavam a escola os indivíduos jovens com um, dois ou três filhos pequenos.

⁵ É importante ressaltar que o mato em volta das aldeias é totalmente entrecortado por trilhas que são constantemente utilizadas, desembocando nas roças ou no rio Cateté. Posey (1987), observou situação semelhante em outras áreas Kayapó, onde estas trilhas poderiam ter até 4m de largura, chamando a atenção para o manejo florestal realizado pelos índios ao longo das mesmas. Cabe ressaltar, que durante o nosso trabalho de coleta das amostras de espécies vegetais não nos preocupamos em pesquisar este tipo de questão, pois nosso interesse centrava-se, fundamentalmente, nos aspectos relacionados com a seletividade das matérias-primas e o seu aproveitamento, a exemplo do trabalho realizado por Baléc (1986), no que se refere aos materiais de tecnologia e construção.

Disse-me que todas as noites se consultava com seu tio materno que segundo ele, é um grande conhecedor de plantas - trata-se de um homem velho, excelente artesão e reconhecido pelo grupo como um especialista no trabalho com palhas de diferentes palmeiras.

O resultado destas duas atividades foi o levantamento de 72 matérias-primas diferentes empregadas na elaboração de 35 itens materiais (vide em anexo a Tabela I)⁶

A partir deste levantamento constatei uma seletividade no uso das matérias-primas, ou seja, que cada item material era produzido, preferencialmente, com um determinado tipo ou conjunto de tipos de matérias-primas. Fiquei interessada em conhecer quais seriam os critérios empregados pelos Xikrin para realizar estas respectivas escolhas.

Assim, procurando fazer uma amostragem para orientar a formulação das próximas estratégias de campo, consultei alguns informantes a respeito dos critérios de escolha para utilização de determinadas matérias-primas na elaboração de seus objetos. Para um dos informantes, por exemplo, perguntei qual seria a madeira que ele escolheria para confeccionar a borduna **kô**, e ele respondeu que escolheria o **pintükre** (pau-preto), porque é a madeira mais dura e forte. Este mesmo critério ele utilizou para justificar o uso da madeira de nome **akete** e do cipó **akoü** para fazer a estrutura e o trançado do **kāi** (cesto cargueiro), utilizado para carregar produtos pesados. Com relação à escolha das sementes para fazer os diferentes tipos de colares, o critério apontado foi o grau de dureza das mesmas para impedir sua quebra durante a perfuração. Nestes exemplos, como se pode perceber, os critérios de escolha estão correlacionados com a funcionalidade dos objetos e com a eficiência que é esperada das matérias-primas.

Ao observar algumas etapas do processo de confecção destes artefatos supra-citados, também foi possível constatar que o tipo de tecnologia utilizada na sua elaboração possuía alguns dos critérios correntemente empregados para definir uma "tecnologia de curadoria". Segundo Nelson (1991:62-3), a

⁶ Dentre estas matérias-primas, coletei 60 amostras que estão sendo encaminhadas para a análise e classificação botânica. Portanto, ao longo do trabalho, utilizarei a denominação Xikrin das matérias-primas e, eventualmente, o nome vulgar ou científico das mesmas. A listagem com a nomenclatura completa só poderá ser feita quando a análise botânica estiver concluída. Cabe salientar, ainda, que este trabalho de coleta continuará em minhas próximas idas à campo.

curadoria é uma "estratégia de manutenção de instrumentos ou kits de instrumentos que pode incluir manufatura mais elaborada, transporte, remodelagem e armazenamento ou estocagem". Assim, este tipo de tecnologia é empregada na produção de objetos duráveis cuja manufatura e uso são antecipadamente previstos implicando, por isso, num prévio planejamento da obtenção e preparação dos materiais necessários à sua produção.

A confecção de uma borduna (**kô**), por exemplo, requer uma manufatura apurada para sua escultura e um prévio planejamento da obtenção de uma madeira adequada para fazê-la. Normalmente, a madeira empregada para fazer um **kô** é o **pintükre** (pau-preto), uma madeira resistente e bastante pesada, encontrada nas imediações da aldeia. Esta é cortada e, segundo um informante, pode ter seu tronco aproveitado para a confecção de várias bordunas; também pode ser obtida na derrubada da mata para a abertura de roças.

Depois que a matéria-prima semi-processada é transportada para a aldeia o artesão, com o auxílio de um facão, começa a esculpir a borduna no pedaço de tronco que tem em torno de 1m de comprimento. Esta operação requer força e perícia, dadas as características da madeira e a padronização do **design** da borduna. Quando esta primeira etapa está pronta ele vai raspando o pedaço de madeira semi-modelado, ainda com o facão, até este ir alcançando a forma final desejada. Depois, ele usa uma lixa fina para ir dando acabamento ao corpo da borduna.

Os detalhes de entalhe das extremidades superior e inferior da borduna, também são feitos com o facão. Quando a mesma está pronta ele, finalmente, passa uma resina para lustrá-la. O trabalho de confecção de uma borduna pode durar várias horas. A borduna que eu tive a oportunidade de observar sendo feita levou 3 dias para ser concluída, pois o artesão além de cansar-se durante o trabalho, também dividia esta tarefa com outras do seu cotidiano.

Um outro exemplo revelador dos critérios de escolha da matéria-prima e da tecnologia empregada no seu processamento refere-se ao uso das palmeiras, como por exemplo, do açai (**kamere-küt**) e da bacaba (**kamere**). Há uma abundância destas palmeiras na área Xikrin e o seu uso é constante, principalmente, para confecção de pequenos cestos utilizados para carregar os

frutos de açaí ou as sementes que são coletadas para a confecção de colares. Como são objetos feitos para ter uma função momentânea e uma durabilidade restrita, assim que os Xikrin chegam à aldeia, estes são imediatamente descartados. O mesmo acontece em relação à algumas enviras, que são utilizadas como corda para amarrar feixes de lenha, determinados tipos de caça pequena e para fazer tipóias semi-provisórias para carregar as crianças no caminho da roça.

Observa-se que neste caso, a elaboração destes artefatos apresenta os critérios de uma "tecnologia expediente", que é utilizada na produção de itens materiais que "são manufaturados, usados e descartados de acordo com as necessidades do momento" (Bamforth, 1986:38). É um tipo de tecnologia simples, empregada em resposta a tarefas momentâneas.

Entendo que há, pelo menos, dois problemas a serem investigados com maior profundidade a partir destas constatações previamente realizadas em campo: 1) a relação dos critérios de escolha das matérias-primas e das estratégias tecnológicas com as condições ambientais do território Xikrin, ou seja, verificar em que medida estas escolhas estão correlacionadas com a oferta e distribuição das matérias-primas; 2) a relação entre a prática das distintas estratégias tecnológicas e a organização social dos Xikrin.

Estas questões surgiram a partir da constatação de que alguns artefatos (p.ex. cesto cargueiro e flechas) necessitam de matérias-primas localizadas em áreas distantes da aldeia, obrigando um prévio planejamento para sua obtenção e estocagem. E, além disso, que a confecção de artefatos a partir de tecnologias expedientes é realizada por diferentes indivíduos em termos de idade e sexo, enquanto que os artefatos mais elaborados tem uma confecção muito mais regrada pela sociedade.

Conversando com Domingos Macedo, engenheiro florestal do ISA, este revelou que durante a realização do levantamento florestal, os homens Xikrin que o acompanhavam tinham a preocupação de coletar determinadas matérias-primas e de ir processando-as a fim de transportá-las para a aldeia. Este é o caso do cipó utilizado para fazer o trançado dos cestos-cargueiros (**kāi**) - normalmente encontrado na região do rio Itacaiúnas - que era descascado, cortado em tiras e enfeixado para o transporte. Ou ainda, da taboca utilizada para fazer as hastes das

flechas (**krua**) que eram selecionadas conforme a sua resistibilidade e cortadas num tamanho e grossura padrão, já no local da coleta.

Um informante Xikrin me disse que as sementes para fazer colares e outros enfeites também podem ter sua coleta planejada; segundo ele, as mulheres costumam coletar determinadas espécies de sementes respeitando a sua sazonalidade. Depois de coletadas elas podem ser processadas a fim de não apodrecerem, ficando armazenadas até o período em que serão utilizadas. Este é caso da semente de inajá conhecida sob a denominação de **mrāinirekrā** que é coletada na época do verão, processada e armazenada para uso posterior. O seu processamento consiste no cozimento do fruto a fim de que sua casca externa amoleça e possa ser desprendida facilmente com o auxílio de um percutor (fruto de babaçu ou pedra). Depois de retirada a casca o coquinho é cortado ao meio e tem seu interior raspado com o auxílio de um objeto pontudo (osso ou tesoura). Desta operação resulta um pequeno cone que será polido com o auxílio de um objeto de metal (amolador de facas), ficando pronto para ser armazenado e usado.

Outro aspecto que se tornou relevante a partir do levantamento das matérias-primas, foi a constatação de que algumas podem ser empregadas para vários usos. O caso do babaçu, por exemplo, é extremamente significativo, assim como o do tucum, pois estas plantas são aproveitadas quase que integralmente pelos Xikrin. Do babaçu, por exemplo, eles usam as folhas que estão brotando para fazer cestaria, as folhas jovens e largas para cobrir as casas, o coco para fazer o óleo, e as espatas servem como recipiente para guardar a tinta de jenipapo. As palmeiras são espécies abundantes na paisagem e os múltiplos artefatos com elas produzidos espalham-se por toda a aldeia.

Segundo informações, a abundância do babaçu na área Xikrin se deve ao fato de que esta é uma palmeira que se reproduz muito facilmente, bastando que as sementes sejam submetidas ao calor das queimadas. É por esta razão, por exemplo, que as roças estão impregnadas de brotos de babaçu, pois as mesmas são freqüentemente queimadas facilitando a sua propagação. Nas áreas próximas da aldeia, em locais onde anteriormente haviam roças, também há muito babaçu. Em suma, qualquer remoção da vegetação e posterior incidência de forte

calor sobre o solo, faz com que as sementes desta planta se desenvolvam pois as mesmas já estão *in loco* (com. pessoal de Domingos Macedo, 1996).

Todas as observações feitas sobre as matérias-primas empregadas pelos Xikrin, na confecção da sua cultura material, remetem a um problema de pesquisa bastante debatido no estudo da tecnologia, ou seja, em que medida a oferta e características físicas de uma matéria-prima e, por outro lado, os seus simbolismos sócio-culturais, determinam a multiplicidade e intensidade de sua utilização. O trabalho de Muchnik (1989) sobre a utilização de palmeiras para a confecção de açúcar na Tailândia é um exemplo de como a abundância de uma determinada planta e as suas características físicas podem gerar toda uma economia de exploração e, ao mesmo tempo, como esta pode ser investida de conteúdo simbólico. Trabalhos como o de Munn (1977) e de Lemonnier (1992), são outros exemplos de que a escolha e utilização de uma determinada matéria-prima vegetal pode, também, estar investida de simbolismos.

Giannini (1991:171) - antropóloga da equipe do ISA - demonstrou em seu trabalho sobre cosmologia Xikrin, que a relação destes indivíduos com o mundo vegetal transcende a questão da necessidade e que os seus recursos podem atuar como reordenadores dos elementos da pessoa Xikrin, seja em forma de remédios, alimentação ou ornamentos durante os rituais. O trabalho de Vidal (1992:158), por sua vez, evidenciou as atribuições simbólicas das plantas utilizadas para a pintura corporal, onde cada matéria-prima possui, em dado contexto, um significado particular.

Em minhas próximas idas à campo, pretendo aprofundar as investigações neste sentido, a fim de testar e refinar os modelos etnoarqueológicos sobre captação de recursos e aproveitamento de matérias-primas.

Além do levantamento dos itens materiais e das matérias-primas, também observei aspectos relacionados aos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos na sociedade Xikrin, e o trabalho de Vidal (1977) serviu de base para essas observações. Nele, a autora ressaltou a importância das categorias de idade Xikrin e das relações sociais que delas decorrem, como elementos fundamentais no processo gradativo de inserção dos indivíduos na sociedade e na sua construção como pessoa e como um ser socialmente pleno.

Nesse processo estão incluídos, também, a transmissão e aprendizagem de conhecimentos sobre os diferentes domínios da cultura, dentre os quais, o da tecnologia de produção dos itens materiais.

Saindo com os **me-nōrō-nu-re** (meninos de 8 a 12 anos) para a floresta - em excursões de 2 horas, até uma distância de 2 a 3Km da aldeia - foi possível verificar que estes possuem uma grande capacidade de locomoção e localização no interior da mata, pois imediatamente identificam as trilhas ao redor da aldeia e sempre sabem em que direção se encontra a mesma, bem como, o rio. Eles também conhecem espécies vegetais e se preocupavam em identificá-las para mim. O objetivo destas excursões era, normalmente, a coleta de frutos, sementes, de cipó ou de bacaba para fazer a vestimenta do **Aruaná**. O que chamava a atenção nestas saídas, é que alguns destes meninos produziam facilmente pequenos cestos para transportar os recursos coletados. Ao mesmo tempo, notei que os meninos de idade inferior costumavam ficar observando os mais velhos em suas lidas, configurando um sutil mecanismo de troca de conhecimentos dentre os indivíduos pertencentes a uma mesma categoria de idades.

Em vários outros momentos pude vislumbrar este tipo de mecanismo informal de transmissão e aprendizagem de conhecimentos, ou seja, freqüentemente eu vi meninos e até indivíduos adultos posicionados junto a algum artesão observando o seu modo de realizar o trabalho. Porém, além desta transmissão informal, também obtive informações sobre mecanismos formais de transmissão de conhecimentos técnicos.

Um indivíduo pertencente à categoria **me-kra-re** disse-me que os velhos é que sabem muito sobre o modo de fazer os itens materiais. Disse que quando quer aprender alguma coisa ele vai "fazendo, depois leva para um velho e ele diz se está certo, se não estiver, vai repetindo o trabalho até acertar".

Explicou-me, também, que as mulheres sabem trabalhar bem com o algodão, sementes e miçangas e que só elas sabem fazer pintura corporal. Já os homens lidam com palha, madeira, fazem os artefatos plumários e o **ngáb** (colar de conchas). Disse que as mulheres não sabem fazer estes artefatos porque é muito difícil para elas aprenderem.

Ao consultar alguns informantes sobre os seus conhecimentos técnicos, as respostas que costumava receber, num primeiro momento, era de que eles “sabiam fazer tudo” ou que “não sabiam fazer nada”. No entanto, ao longo da conversa, eles revelavam que sabiam fazer algumas coisas, mas que havia outras que eles ainda necessitavam “olhar mais para saber fazer”. Um informante **me-nōrō-nu-re** disse-me, inclusive, que ele não poderia fazer um **kô** (borduna) para mim porque ele ainda estava “no tempo de olhar e não de fazer” este tipo de instrumento. Outro informante pertencente à categoria **me-kra-re**, disse que embora soubesse fazer um **krokroktire** (cocar grande), não costumava fazê-lo porque “o velho é que faz”.

Estas observações vem ao encontro de trabalhos anteriores sobre os Xikrin (p.ex. Vidal, 1977; Giannini, 1991; Fischer, 1991), que discutem estes diferentes modos e prerrogativas de aprendizagem e transmissão de conhecimento, definidas e reguladas a partir das relações sociais.

Estas são questões fundamentais para os estudos de tecnologia, pois evidenciam a importância da organização social não apenas no que se refere à divisão social de trabalho mas, também, em termos da socialização e manipulação dos conhecimentos técnicos.

Para a Arqueologia, estas informações possibilitam refinar os modelos interpretativos dos conjuntos de artefatos pré-históricos no que se refere aos seus processos de produção, pois acrescentam às análises técnicas e formais a dimensão social. Além disso, podem auxiliar no entendimento dos aspectos sócio-culturais responsáveis pela estruturação das tradições tecnológicas pré-históricas, - que podem perdurar até milhares de anos - possibilitando que se possa apreendê-las como sendo o resultado de longos processos de transmissão de conhecimentos definidos a partir de contextos sociais específicos e não meros reflexos de adaptações funcionais e/ou ambientais (cf. p. ex. Roe, 1980).

Outro aspecto estudado foi a espacialidade Xikrin, ou seja, o modo como este grupo indígena utilizava o espaço físico da aldeia e arredores e como isto se relacionava com a tecnologia de produção dos seus itens materiais. A pesquisa etnoarqueológica sobre este tema, proporciona a elaboração de modelos etnográficos sobre o uso do espaço que podem ser úteis à interpretação dos

processos de formação dos registros arqueológicos. Ou seja, possibilitam ao arqueólogo apreender os diferentes aspectos sócio-culturais que podem ser responsáveis pela configuração e uso de um determinado espaço físico e conseqüente contextualização dos vestígios materiais ali inseridos

Estes modelos podem ser elaborados a partir de dois níveis de análise: inter-sítio e intra-sítio. No primeiro nível, analisa-se a relação sítio e ambiente, ou ainda, a relação entre os diferentes sítios ou locais de atividade espalhados em um determinado território. No segundo nível, por sua vez, analisa-se a distribuição e contextualização dos vestígios materiais no interior dos sítios.

Assim, num primeiro momento, procurei vislumbrar como os Xikrin desenvolviam suas atividades fora do perímetro da aldeia. Observei que estes mantêm o que se pode chamar de um complexo de sítios⁷. Em cada um deles realizam atividades distintas, podendo ser chamados de "sítios de atividade específica"; são locais de atividades de exploração e processamento de recursos distribuídos pelo território Xikrin.

Um destes locais é a própria roça, onde eles desenvolvem atividades de subsistência e exploração de recursos. Nas proximidades de algumas destas roças, observa-se a presença de pequenos acampamentos, constituídos pela presença de estruturas que servem de abrigo e pela presença de aglomerações de pedra utilizadas na preparação de fogueiras ou maceramento de vegetais como, por exemplo, do coco do babaçu. Segundo um informante, estes acampamentos são utilizados como locais de descanso e cozinha durante o período de trabalho nas roças.

Observei, também, a presença de locais de processamento de farinha onde aparecem estruturas utilizadas como abrigo e colocação dos fornos torradores. Anexas a estas estruturas estão as prensas de farinha, utilizadas para extrair o ácido hidrocianídrico da mandioca, antes dela ser triturada e torrada.

Estas prensas de farinha são estruturas relativamente recentes no cotidiano Xikrin, sendo que estes aprenderam a construí-las com a população

⁷ Por complexo de sítios entende-se "o conjunto dos locais em que têm lugar as actividades integradas levadas a cabo no quadro de uma estratégia global que interliga uma série de acontecimentos distintos" (Binford, 1991:148)

cabocla local. Anteriormente eles utilizavam apenas o espremedor manual de farinha (*kliô*) (com. pessoal de Lux Vidal, 1997).

Numa de minhas excursões com as mulheres para o mato pude observar ainda, a presença de locais que se poderia chamar de **locations**, ou seja, locais de atividades sazonais ou temporárias, das quais resultam determinados contextos de deposição⁸. Neste caso, trata-se dos locais de exploração do coco de babaçu, onde as mulheres fazem um primeiro processamento do mesmo, quebrando-o sobre uma bigorna lítica e com o auxílio do machado. O contexto de deposição caracteriza-se pela presença destas bigornas, circundadas pelas cascas do coco do babaçu.

Da mesma forma que as prensas de mandioca, esta exploração do coco do babaçu também é relativamente recente. Anteriormente, elas quebravam o coco com um percutor lítico, mastigavam o mesmo e cuspiam o óleo nas mãos misturando-o com as sementes de urucum utilizada na pintura corporal. Sendo assim, elas necessitavam poucos frutos e sua exploração era em menor quantidade (com. pessoal de Lux Vidal, 1997).

Atualmente, elas exploram o babaçu em grande quantidade e o resíduo desta exploração aparece tanto nas áreas externas ao perímetro da aldeia, como na própria aldeia. O óleo do babaçu é obtido a partir de um processo que requer diferentes etapas de execução:

Seleção e obtenção da matéria-prima: A obtenção do coco do babaçu é feita pelas mulheres numa área de, aproximadamente, 5km ao redor da aldeia. Elas percorrem a floresta em busca dos cachos caídos do babaçu e quando os encontram quebram alguns frutos, com o auxílio do machado, a fim de verificar se estes não estão muito duros ou, pelo contrário, muito apodrecidos. Quando encontram os frutos adequados elas enchem seus cestos-cargueiros e se instalam em um lugar mais aberto a fim de quebrá-los e extrair o coco do seu interior. Esta operação é feita com o auxílio de uma bigorna lítica que costuma ser coletada ao longo do caminho e transportada até o local de trabalho. A medida em que elas vão extraindo os cocos, estes são armazenados nas espatas de babaçu para,

⁸ Binford (1980) definiu este conceito a fim de estabelecer uma estratégia de investigação que visasse a compreensão do uso econômico do espaço pelas populações pré-históricas e históricas.

posteriormente, serem embrulhados nas folhas de **titijô** (bananeira-brava) e transportados para a aldeia. Elas também transportam para a aldeia frutos não processados que serão armazenados para serem utilizados posteriormente.

Processamento: Na aldeia, os cocos são picados sobre uma madeira, com o auxílio de uma faca ou facão. Esta operação pode ser feita nas áreas de cozinha ou nas estruturas anexas que servem de oficina para a realização de várias atividades. Depois de picado ele será triturado no pilão e, posteriormente, cozido em grandes panelas de alumínio. De tempos em tempos esta panela será remexida com o auxílio de uma madeira servindo como colher.

Armazenagem: Depois de fervido, o óleo é decantado e armazenado em garrafas plásticas de refrigerante e guardado no interior das casas sobre os girais que ficam próximos às paredes.

Este processo de obtenção do óleo foi aprendido com uma mulher não índia que vivia na área. Num primeiro momento, eram os homens que processavam o óleo, mas depois as mulheres se apropriaram da técnica e os homens a abandonaram. As mulheres intensificaram a produção do óleo de babaçu porque este serve como produto de troca com outros grupos Kayapó (com. pessoal de Lux Vidal, 1997).

Estes dados são interessantes para o estudo da tecnologia, pois chamam a atenção para o fato de que certas etapas das cadeias operatórias de execução de um determinado item material, podem ser realizadas em locais diferentes. Além disso, permitem que se visualize **in loco** as conseqüências materiais resultantes de uma mudança nas estratégias de exploração de uma determinada matéria-prima. No caso do coco do babaçu, observa-se que esta nova demanda de exploração gera uma quantidade muito maior de resíduos, tanto nos locais de extração como na própria aldeia e, além disso, complexificou todo o processamento desta matéria-prima, obrigando o uso de instrumentos como o machado, panelas, pilões, madeiras e vasilhames plásticos, bem como, de fogueiras específicas para o seu cozimento.

Para o arqueólogo todas estas observações permitem que se tenha uma noção da variabilidade de contextos - resultante de um conjunto de atividades diferentes levadas a cabo por um mesmo grupo cultural - que podem vir a ser

encontradas no registro arqueológico. E, além disso, faz com que o mesmo atente para as mudanças que podem ocorrer nas estratégias de exploração dos recursos de uma determinada região ou, ainda, para as aquisições tecnológicas de uma determinada população pré-histórica e que podem alterar sutilmente ou radicalmente o registro arqueológico.

No interior do perímetro da aldeia - praça, **ngóbe**, círculo das casas e área detrás do círculo das casas - minhas observações se concentraram nas áreas de atividades⁹, presentes no círculo das casas e na área detrás do mesmo. Assim, verifiquei que o interior das casas é utilizado, principalmente, para o descanso da família e, eventualmente pode ser um local de encontro das pessoas para conversar, executar tarefas como a fiação de algodão, pintura corporal, produção de itens materiais e alimentação. Seu contexto material, porém, é claramente o de um local de intimidade do grupo familiar, apresentando os fogos, os giraus, as redes e estruturas próximas às paredes.

Na casa são guardados objetos de uso pessoal, artefatos cotidianos e rituais, alimentos, garrafas de óleo de babaçu e matéria-prima para a confecção de artefatos (penas, miçangas, sementes, palha, fios de algodão, envira, cipó, espátulas e pentes de pintura). Estes materiais podem ser guardados em recipientes dos mais diversos: bolsas e malas de couro, recipientes de palha e latas. Podem, também, ser pendurados em pregos e giraus ou ser enfiados entre a parede e o telhado das casas.

O espaço detrás das casas é extremamente dinâmico e diversificado. Nele aparecem as estruturas anexas utilizadas como cozinhas que podem ser subdivididas em diferentes áreas de atividades específicas (**activity loci**): áreas de cocção e consumo de alimentos, áreas de interação social, áreas de transformação de itens não alimentares, áreas de trabalho artesanal.

As cozinhas são espaços constantemente utilizados durante o dia, sendo desocupados somente à noite. Além das atividades de processamento e consumo de alimentos, freqüentemente eu observei grupos de pessoas se reunindo pela manhã e tarde nestas áreas para conversar e planejar atividades cotidianas.

⁹ Susan Kent (1984:1) define área de atividade como sendo "o local em que um evento humano particular ocorreu e deixou seu vestígio". E que, nestas áreas de atividade, podemos encontrar áreas de atividades específicas (**activity loci**).

Além disso, observei que essas áreas também podem ser utilizadas para executar tarefas como: a extração e secagem das sementes de urucum, a quebra dos frutos do babaçu e o seu processamento, o preparo das sementes para a confecção de colares, a pintura corporal, o tingimento de fios de algodão e a costura de vestimentas.

Também verifiquei que a cozinha é um local onde podem aparecer várias fogueiras e que estas podem ser utilizadas em atividades diferentes como, por exemplo, cozinhar alimentos, cozinhar o coco do babaçu e cozinhar sementes para a confecção de colares e enfeites¹⁰. Além disso, constatei a presença de frutos de babaçu, bigornas líticas, machados, feixes de lenha, vassouras, carrinho de mão, pás, madeiras e apetrechos utilizados no trabalho da roça (facões, enxadas). Predominantemente, porém, constatei a presença de apetrechos de cozinha (vasilhames de diversos tamanhos para água, pratos, colheres, facas, copos, panelas de alumínio) e estantes.

Associadas a estas áreas de cozinha existem estruturas (giraus) à céu aberto que servem para a secagem de produtos (p.ex. sementes de urucum) e itens materiais (p.ex. **kliô**), armazenagem de panelas e do ralador lítico de farinha.

Nesta área detrás das casas aparecem, também, locais de oficina onde os indivíduos trabalham na produção de itens materiais. Um dos artesãos da aldeia do **Djudjê-Kô** realizava a maior parte do seu trabalho artesanal numa estrutura construída ao lado de sua casa. Trata-se de uma construção semelhante às cozinhas, ou seja, retangular, sem paredes e com telhado de palha. Frequentemente ele se instalava ali e eu pude observá-lo fazendo uma borduna - cujo processo descrevi anteriormente - o início de um artefato plumário e vários **keikrũ** (suporte para apoiar um enfeite de cabeça),.

Para fazer o artefato plumário ele necessitou de dois paus finos que ele cravou no chão, amarrando as extremidades superiores nos esteios da estrutura. Depois, pegou um fio de algodão e iniciou a trama do artefato plumário, sendo que as penas ficavam suspensas para baixo e a tecelagem de algodão para cima. Este artefato ficou pendurado neste local durante dois dias, tendo sido

¹⁰ Próximas às áreas de cozinha existem, também, áreas de cocção à céu-aberto onde é feito o **berarubu** (cozido de vegetais e carne).

retirado e concluído no interior da casa. Às vezes, alguns meninos passavam por ali e ficavam observando o artesão trabalhando ou, quando este não estava, ficavam olhando o artefato e fazendo comentários entre si.

Os **keikrū** foram feitos da haste da folha do açai (**kamere-küt**), que é desfolhada e cortada em tiras de 1,5cm de largura por 1,5 a 2m de comprimento, aproximadamente. O artesão então pegava esta haste e juntamente com uma linha de algodão ia enrolando a mesma para formar um círculo. O fio de algodão era tramado em volta da haste, com o auxílio de uma agulha feita com um prego grande enfiado num pedaço de madeira. Trata-se de um trabalho delicado que exige perícia e domínio da trama. Numa jornada de trabalho quase contínua, o artesão poderia levar até um dia para fazer todo o artefato.

Nesta oficina eu pude observar ainda a confecção de um pilão. Este foi feito pela mulher do artesão com um pedaço do tronco de uma árvore denominada por eles de **caubá**; trata-se de uma madeira de lei que regionalmente é conhecida como taúba. Ela iniciou seu trabalho fazendo uma pequena fogueira de onde retirou as brasas colocando-as no centro de uma das extremidades verticais do tronco. Com o auxílio de uma taboca de 1cm de diâmetro ela começou a assoprar estas brasas a fim de ir queimando a madeira e formar a concavidade do pilão. Este trabalho durou três dias, em jornadas de trabalho que podiam durar mais de duas horas. A medida em que ela ia afundando a concavidade do pilão, ia lixando a madeira com o auxílio de um objeto plano de metal. Esta operação foi repetida até a finalização da confecção deste artefato.

Estas observações permitiram que eu verificasse em que medida os resíduos destas manufaturas se conservavam nas áreas de atividade. Pude constatar que, na maioria das vezes, o mesmo era totalmente limpo depois de ser usado deixando poucos vestígios materiais das atividades ali realizadas¹¹.

Além disso, verifiquei que apesar de haver uma preponderância de atividades em cada uma destas áreas - ou seja, que na cozinha as atividades majoritariamente executadas referem-se ao processamento de alimentos - pode

¹¹ O exemplo mais claro disso refere-se aos frutos do babaçu que eram nele armazenados e processados pelas mulheres desse grupo doméstico. Havia dias em que este local estava repleto de frutos e cascas mas, em outros, tudo estava varrido e totalmente limpo.

haver, por outro lado, uma sobreposição ou concomitância de atividades nas mesmas.

O meu objetivo com este trabalho foi o de coletar dados sobre a relação entre espaço, atividade e artefato - tanto em termos do seu uso, como de sua confecção e deposição. Estes dados são importantes para o arqueólogo na medida em que possibilitam que o mesmo tenha noção da dinâmica de ocupação e uso de um determinado espaço, bem como, da variabilidade de itens que podem estar presentes ou ausentes no registro arqueológico.

Paralelamente a estas observações sobre as áreas de atividades realizei uma investigação sobre as áreas de descarte de material procurando verificar onde se localizavam estas áreas, quais os tipos de materiais que ali eram depositados e a frequência desta deposição. Estes dados são importantes na medida em que podem evidenciar as relações entre intensidade de descarte e a oferta de matéria-prima, a facilidade/dificuldade de confecção dos artefatos descartados, a intensidade de uso dos artefatos e os simbolismos sócio-culturais que podem estar subjacentes à atitude de descartar os itens materiais ¹².

Minhas investigações no lixo Xikrin permitiram verificar que a maior intensidade do depósito é constituída de restos alimentares. Além disso, foi interessante observar que o lixo testemunhava a densidade de uso e descarte de materiais feitos de palha de palmeira, principalmente o babaçu. Outros tipos de artefatos apareciam depositados em quantidade muito pequena e somente quando uma casa era varrida surgiam alguns artefatos danificados que eram então descartados.

Em minhas próximas idas à campo pretendo investir mais tempo na pesquisa do lixo a fim de verificar se este padrão é constante. Não se pode esquecer que o arqueólogo trabalha essencialmente com o descarte das populações pré-históricas e como Rathje (1978) já demonstrou, os depósitos de lixo são fontes muito importantes para se apreender aspectos do comportamento sócio-cultural das populações que os geraram.

¹² No trabalho de G. Verswijver (1992), sobre os Mckrãgnoti, ele demonstra como os Kayapó simbolizam e nomeiam o espaço físico por eles ocupado, desde a praça, o círculo das casas e a área detrás das casas. A área que fica entre a aldeia e o mato, por exemplo, é chamada de *atyk-mã* e foi o local onde observei que havia a maior concentração de deposição do lixo.

Segundo Lux Vidal (com. pessoal, 1997) os Xikrin de tempos em tempos queimam o seu lixo e este é um dado significativo, pois durante minha temporada na aldeia eu não presenciei este processo, embora tenha observado cinturões de lixo com marcas de combustão. É muito comum para os arqueólogos encontrarem nos registros arqueológicos lixeiras com vestígios de queima, sendo assim, este é um processo que espero poder estudar em minhas próximas idas a campo a fim de entender melhor como se dão estas atividades de queima dos itens descartados e a configuração dos depósitos após as queimas.

Esta primeira etapa de campo na área indígena dos Kayapó-Xikrin encerrou-se no final de outubro.

TABELA I - Levantamento das matérias-primas vegetais Xikrin

| | |
|------------------|---|
| rikré | palmeira utilizada para fazer os pincéis utilizados na pintura corporal |
| rôm | palmeira utilizada para fazer óleo, cestaria, recipientes e telhados das casas |
| piü | madeira cuja embira é utilizada para fazer vestimentas rituais (kukoi e pat) |
| mrenikakumêre | palmeira utilizada para fazer a linha utilizada na confecção da corda do arco |
| roity | palmeira utilizada para fazer bolsas (mocã), espremedor de farinha (kliô), cinturão (predjã) e enfeite de cabeça (roriróri) |
| kóp | palmeira utilizada para fazer o arco (djudjê) |
| mruaü | palmeira utilizada para fazer tipóia (aim) |
| okaü | palmeira utilizada para fazer um tipo de adesivo utilizado nos cabelos em momentos rituais para colar as penas de pássaro |
| titijô | planta cuja folha é utilizada para fazer embrulhos ou forrar pequenos cestos |
| peikrã | palha do milho utilizada para fazer uma espécie de bola (piokrã) |
| kukãre | árvore cuja envira é utilizada como remédio e corda para amarrar a caça |
| bãri | árvore que fornece a cabaça utilizada como recipiente e para fazer um chocalho (nokôn) |
| putãre | planta cuja semente é utilizada para fazer pigmento vermelho utilizado na pintura corporal |
| menokāküi | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| mmipoidjô | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| pidjonakarãrã | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| purãikrãnükruere | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| mrnijô | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| rnonó | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| mrãinirekrã | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| monó ngrire | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| borijuá | madeira utilizada para fazer um adorno de orelha (ikrekakô) |
| turê | madeira utilizada para fazer borduna (kô e kop) |
| pinkajüetuk | madeira utilizada para fazer borduna (kô e kop) e cachimbo (uatkokô) |
| mõitekãkrüere | madeira utilizada para fazer borduna (kô e kop) |

| | |
|---------------|--|
| badprā | madeira utilizada para fazer carvão utilizado na pintura corporal |
| atorāti | madeira cuja envira é utilizada para fazer a corda do arco (djudjedjê) |
| kui | madeira cuja envira é utilizada para fazer corda empregada na construção de casas |
| rotük | madeira cuja envira é utilizada para fazer a amarração do cesto-cargueiro (kāi) |
| noād | madeira utilizada para fazer a estrutura da casa (kikré parité) |
| mrkrāinā | madeira cuja envira é utilizada como corda |
| auore | madeira utilizada no ritual da tora |
| pinkomekrā | madeira utilizada para fazer boneca (mekaron) |
| kubemōi | madeira utilizada para fazer a estrutura da casa (kikré parité) |
| pinkanhōroti | madeira utilizada para fazer a estrutura do cesto-cargueiro (kāi) |
| pinóre | madeira utilizada para fazer borduna (kô) |
| mrkāipoinjā | madeira utilizada para fazer a sustentação do telhado da casa |
| krukinikajā | madeira cuja envira é utilizada para fazer corda |
| kukejaborokin | madeira utilizada para fazer um instrumento musical (meuemôro) |
| rotük | madeira cuja embira é utilizada na amarração do cesto-cargueiro (kāi) |
| maikôre | madeira cuja envira é utilizada para fazer corda |
| koty | madeira cuja envira é utilizada para fazer a saia da vestimenta do Aruanā |
| prōnketiretüm | madeira utilizada para fazer cachimbo (uatkokô), borduna (kô) e a estrutura da casa |
| pinkūnoro | madeira cuja envira serve para fazer corda |
| kakrô | madeira cuja envira serve para fazer corda |
| pinkü | madeira cuja envira é utilizada para fazer um tipo de braçadeira (pinkukaure) |
| robnikóp | madeira cuja envira é utilizada para fazer uma pulseira utilizada para dar maior segurança na utilização do arco |
| banonoí | madeira cujo casulo do fruto é utilizado para fazer um tipo de cachimbo (uatkokô) |
| pintükre | madeira utilizada para fazer borduna (kô) |
| kop kamrek | madeira utilizada para fazer borduna (kô) |
| baikānorārā | madeira utilizada para fazer borduna (kô e kop) |

| | |
|---------------|---|
| akête | madeira utilizada para fazer a estrutura do cesto-cargueiro (kāi) |
| bārukti | madeira utilizada para fazer cachimbo (uatkokô) |
| konrārāre | madeira cuja envira é utilizada para fazer corda |
| prōnketiretūm | madeira utilizada para fazer cachimbo (uatkokô) |
| robreô | madeira cuja envira é utilizada como corda |
| aketkaā | madeira utilizada para fazer a estrutura do cesto-cargueiro (kāi) |
| baikānotük | cipó cuja casca é utilizada para fazer enfeites na borduna |
| akrokaū | cipó utilizado para fazer o trançado do cesto-cargueiro (kāi) |
| akropóre | cipó que serve para fazer a amarração das estruturas da casa (kikré parité) |
| niptük | cipó que serve para fazer a amarração das estruturas da casa (kikré parité) |
| mrām | cipó cuja fibra é utilizada para fazer um tipo de braçadeira (padjê) |
| borokrô | cipó cuja resina serve de adesivo para prender penas ao corpo |
| akoū | cipó utilizado para fazer o trançado do cesto-cargueiro (Kāi) |
| mādparijā | cipó utilizado na amarração da estrutura da casa (kikré parité) |
| karāena | madeira cuja envira é utilizada como corda |
| kamere | palmeira utilizada para fazer o keikru e cestaria |
| kemereküt | palmeira utilizada para fazer a vestimenta do Aruanā |
| akere | madeira utilizada para fazer o pente utilizado na pintura corporal (pinkakeri) |
| mrnó | semente utilizada para fazer colar (okrejê) |
| pinkanhekāti | madeira utilizada para fazer adorno labial (akrokakô) |
| kokoibô | madeira cuja envira é utilizada com corda |